

O problema não é se há mudanças climáticas, mas como comunicá-las às pessoas, diz climatólogo belga¹

Vivian Oswald²

Um dos maiores desafios do combate à mudança do clima, e este é um dos pontos levantados pela COP30, que será realizada em Belém em dois meses, é como explicar ao cidadão comum a urgência da transição climática. Especialista no tema, o climatólogo belga François Massonnet, do Centro da Terra e Clima da Universidade Católica de Louvain, que é colaborador do Barcela Supercomputing Centre, tem se debruçado sobre o tema. Entre os obstáculos que identifica estão o que chama de “amnésia climática”, a própria negação, as notícias falsas e o consumo da informação fast-food.

“O problema já não é mais saber se há, ou não, mudanças climáticas, e sim saber como comunicá-las às pessoas”, diz Massonnet ao **Valor**. Para ele, o dinheiro (e o financiamento) é um dos maiores nós da COP30, não é a verdadeira razão pela qual não somos capazes de nos envolver.

“Dinheiro tem um conceito bastante elástico. Quando vimos na COP que precisávamos investir pelo menos US\$ 100 bilhões, foi uma verdadeira luta. Tínhamos a impressão de que era muito difícil. Depois, soubemos que a Europa era capaz de liberar 800 bilhões para se rearmar diante dos conflitos que atualmente ocorrem no Leste Europeu.” Massonnet também questiona se a narrativa do aumento da temperatura global de 1,5 °C foi boa.

Valor: *Será que entendemos a mudança do clima ou fingimos que não existe?*

François Massonnet: Temos mecanismos cognitivos extremamente complexos. Ainda que a maioria das pessoas que entrevistamos na rua admita que existe uma realidade científica, não significa que vão traduzir isso em ações concretas ou passar a pressionar os políticos para que sigam uma abordagem de transição ecológica e climática. Vejo uma lacuna entre o que a ciência diz, o fato de sermos capazes de concordar com ela, e, ao mesmo tempo, estarmos em contradição, ao não implementar as medidas que poderiam nos ajudar a fazer uma transição climática e ecológica. Às vezes, existem mecanismos muito simples de entender. Tipo ver quanto dinheiro me resta na conta no fim do mês para saber se posso reformar o telhado. E, é isso.

A transição energética também é uma questão de dinheiro, muito dinheiro. Precisamos entender hoje que, para muitas pessoas, essa transição não é possível, porque é muito cara e onerosa pessoalmente. É aí que reside a responsabilidade das nações, dos governos, que devem ser capazes de liberar orçamentos para investimentos,

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2025/09/17/o-problema-nao-e-se-ha-mudancas-climaticas-mas-como-comunica-as-as-pessoas-diz-climatologo-belga.ghtml> Acessado em 17.09.2025

² profissão

enxergando a transição climática como um projeto promissor que pode criar empregos, trazer dinamismo econômico, porque é verdade que, muitas vezes, essa transição é retratada como algo muito negativo, que vai destruir nossa economia, paralisá-la. São muitos elementos ao mesmo tempo. O problema já não é mais saber se há, ou não, mudanças climáticas, e sim saber como comunicá-las às pessoas.

Valor: *Na COP29, no ano passado, concluiu-se que é preciso US\$ 1,3 trilhão por ano para enfrentar a mudança do clima. Nem isso é fácil de explicar ao cidadão comum. São muitos zeros...*

Massonnet: Exatamente. Não é fácil de mensurar. O que me impressionou nesses últimos meses é essa ideia de que o dinheiro é um conceito bastante elástico. Quando vimos na COP que precisávamos investir pelo menos US\$ 100 bilhões, foi uma verdadeira luta. Tínhamos a impressão de que era muito difícil. Depois, soubemos que a Europa era capaz de liberar 800 bilhões para se rearmar diante dos conflitos que atualmente ocorrem no Leste Europeu.

Então, na verdade, para mim, a questão do dinheiro é apenas secundária, porque não é a verdadeira razão pela qual não somos capazes de nos envolver. Se fôssemos um pouco racionais, entenderíamos muito rapidamente que os custos relacionados à inação serão muito maiores do que os da mitigação. Se deixarmos nossas políticas inalteradas e escolhermos, como sociedade, conviver com eventos climáticos cada vez mais extremos, tomando-se em conta todos os custos de adaptação no longo prazo, vamos gastar muito mais do que o necessário para transformar nossa economia e torná-la menos intensiva em carbono. A questão do dinheiro, para mim, nem é uma questão. Trata-se do projeto que estamos desenvolvendo. Por enquanto, pode não estar claro para todos. Mas é algo que afetará a todos.

Valor: *Nem todo mundo entendeu.*

Massonnet: Mas é difícil. Se você disser a uma pessoa, um contribuinte, na rua: “Olha, você vai ter que se esforçar um pouco, e o euro que você vai pagar será usado para comprar uma arma, porque há um conflito”. Ela entenderá o propósito. O que é obviamente complicado é o dinheiro que temos que investir nessa transição, para impedir os impactos climáticos, um forte impacto socioeconômico nos próximos anos. É pagar para evitar que algo aconteça. Como transmitir isso? Não sei como é no Brasil. Na Bélgica, as pessoas estão começando a perceber que a mudança climática não é mais algo para o final do século, ou que só acontece do outro lado do mundo. Fomos atingidos por grandes inundações em 2021. Temos tido um número anormal de ondas de calor desde 2018. Os impactos agora são tangíveis. Começamos a entender que temos uma escolha: ou continuamos fazendo o mesmo e esse tipo de extremo simplesmente se multiplicará, ou fazemos uma transição, e o número de extremos começa a diminuir. O que é muito difícil é imaginar dois mundos paralelos e explicar que, ao investir em um, evitamos o outro. Esse é o problema.

Valor: *O aumento de 1,5 °C já chegou.*

Massonnet: Em 2024, já foi de 1,5 °C, a depender das medições. Isso também é algo que nunca foi muito bem pensado. Não sei se a narrativa do 1,5 °C foi boa, ou contraproducente. Por um lado, está claro que esse número de 1,5 °C gerou uma motivação, o interesse entre muitos países, com o Acordo de Paris, de nos concentrarmos em um único objetivo. Mas essa narrativa dá a ideia de um padrão um tanto binário. Em 1,51 °C, o mundo entra em colapso. Mas em 1,49 °C, tudo está bem. Não é isso. Os impactos são extremamente graduais e devem ser compreendidos em termos de aumento de risco por décimos de grau. Estamos em 1,5 °C e não temos a impressão de que foi completamente diferente do ano anterior. Isso ocorre simplesmente porque, na verdade, também estamos nos acostumando a essa situação climática sem precedentes, quando a comparamos à escala paleoclimatológica ou a escalas de tempo longas. Ou seja, existe o perigo de termos uma forma de adaptação a um novo clima que, na verdade, tem muito impacto.

Valor: *Por isso o senhor diz que já não nos abalamos tanto com as más notícias sobre o clima?*

Massonnet: Exatamente. As referências ou normas evoluem muito lentamente, mais lentamente do que nossa capacidade de lembrar quais eram as normas 30 ou 40 anos atrás. Se eu lhe perguntar: como era o verão no Brasil há 5 anos? A menos que você estivesse em um casamento, em algum dia especial, você não saberá dizer se estava mais quente ou mais frio do que a média. A memória humana é programada para ser curta. Mas as mudanças climáticas acontecem em períodos de tempo relativamente curtos. Hoje temos verões que consideramos normais, que são, na verdade, muito mais quentes do que os verões normais de 60 anos atrás. Isso é um problema, pois significa que achamos normal um fenômeno que teria sido considerado excepcional há 50 anos. É o mesmo quando temos um dia mais frio de inverno, abaixo de zero grau, na Bélgica e nos surpreendemos. Na verdade, quando olhamos para os números, e eu olho com bastante frequência, o número de dias abaixo de zero grau só diminuiu com o tempo. É que não nos lembramos mais que, na década de 1960, tínhamos semanas abaixo de zero. Hoje não mais. E nos adaptamos a esses invernos menos frios.

Valor: *É o que senhor chama de “amnésia ambiental”?*

Massonnet: É, a amnésia, ou a anestesia. Não sei qual é a melhor palavra. Mas isso nos leva de volta à questão da mudança de linhas de base. É dizer a si mesmo: aqui estou eu hoje, é verdade que está quente, e há um ou dois anos, tenho a impressão de que houve pelo menos um dia assim, então talvez não me pareça tão anormal. Mas, se eu olhar como está hoje e comparar com as médias de 50 anos atrás, estamos claramente no limite. Essa amnésia coletiva é uma forma de esquecer um pouco o nosso infortúnio.

Valor: *Há simplesmente quem queira evitar as más notícias.*

Massonnet: Sim. Existem mecanismos de negação. Não há os mocinhos de um lado e os bandidos do outro, né? Estamos todos um pouco em negação também. Não é fácil ser o primeiro a querer dar o salto. Por isso, parece melhor vir de cima. Os políticos devem dar o exemplo. Por exemplo, devo partir de avião nas próximas férias? Eu ficaria feliz em fazê-lo se todos o fizerem. Dito isso, há vários estudos que mostram que, em uma sociedade de massa, a partir do momento em que 20% ou 25% dos agentes ou atores adotam um novo comportamento, é o suficiente para convencer os 75% restantes a mudar. São os mecanismos chamados de pontos de inflexão que permitem que uma sociedade mude coletivamente para novos hábitos.

Valor: *Tragédias como as chuvas na Bélgica ou no Sul do Brasil, onde um estado inteiro ficou submerso, ainda nos afetam?*

Massonnet: Eventos vivenciados por pessoas, ou quando você conhece alguém que vivenciou um evento, e que conta o que aconteceu, isso é claramente muito mais impactante para nossa consciência climática. O problema é que, obviamente, eventos de alto impacto, por definição, são bastante raros. Tendem a ser mais frequentes, mas continuarão sendo raros. Mas concordo plenamente que a experiência vivida é muito mais marcante do que números.

Eu mesmo mudei um pouco minha maneira de me comunicar com a mídia em relação a isso. Eu costumava citar os números dos relatórios do IPCC [o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU], usando expressões como “mais 40% aqui, menos 30% ali”; “com mais 2 °C, o que acontece?”; “e se estivermos entre 0,5 °C e 2 °C?”; “há 37% menos corais”, e assim por diante. Mas notei que entra por um ouvido e sai pelo outro. Números são extremamente abstratos. Por isso, comecei a traduzir isso para uma história fictícia que acompanha um dia típico na vida de uma pessoa. Em um mundo a 1,5 °C, com duas ondas de calor no verão, você acorda no dia seguinte a uma noite extremamente quente e úmida, mas não consegue trabalhar de manhã porque perdeu muita água ou o chuveiro não te refresca. Seu laptop superaquece, porque não tem uma fonte de alimentação que permita ventilação

suficiente. Aí conto a mesma história em um mundo a +2 °C ou +2,5 °C e digo: “A diferença é que neste mundo não são duas ondas de calor. São cinco. Não é uma noite a 25 °C, mas de talvez a 29 °C ou 30 °C. Seu computador não liga porque não é capaz de regular a própria temperatura”. Muitos jornalistas e cidadãos elogiaram. Disseram que essa é uma ótima maneira de conscientizar. Claro que sei que também preciso dos fatos científicos.

Valor: *Esta é uma preocupação da COP. Mas como fazê-lo?*

Massonnet: A questão da narrativa deve ser explorada. É isso que, em última análise, toca as pessoas. Também explorei bastante outras formas de trabalhar, com artistas. Fizemos isso no Museu Provincial Félicien Rops, em Namur, na Bélgica, onde imaginamos com alunos e artistas como seriam as pinturas de Félicien Rops se tivessem sido pintadas dentro de 50 a 100 anos. Ele viveu entre 1833 e 1898, no final do século XIX. Chegamos a resultados muito fortes que também têm um grande impacto, porque, quando as pessoas veem, fica marcado em suas mentes.

Valor: *Notícias falsas são outra questão. Como combatê-las?*

Massonnet: Há uma responsabilidade das pessoas que espalham notícias falsas e das pessoas que as retransmitem, especialmente os jornalistas. Já fui contatado várias vezes por agências de checagem de fatos para dizer: “Vimos circulando nas redes sociais que o gelo marinho do Ártico havia parado de derreter”. E eles nos procuram para tomar uma posição, desmontar a fake news, o que é bom, é pró-ativo. Mas há os menos escrupulosos que apenas reproduzem em seus sites uma notícia extraordinária, independentemente da fonte. Sempre tenho à mão a frase do também climatologista Michael Mann, que me disse uma vez: “Alegações extraordinárias exigem evidências extraordinárias”. As evidências das mudanças climáticas, na verdade, já não são mais extraordinárias, porque temos falado sobre elas há mais de 30 anos. Está tudo documentado, em milhares de páginas de relatórios do IPCC, que fazem isso de cima para baixo. Mas há muito trabalho educacional a ser feito em torno dessa ideia com jornalistas, cidadãos, sobretudo com crianças, que são a geração futura, ensinando-as que existem maneiras de consumir informação que não seja fast-food.

Valor: *Na maior economia do mundo, que se retirou do Acordo de Paris, o presidente desconfia da mudança do clima.*

Massonnet: Sim, e isso claramente não é uma boa notícia agora. Mas alguém que seja um pouco metódico, e um pouco racional, que analise tudo o que Donald Trump disse durante anos, entenderá rapidamente que não tem fundamento. Mesmo na campanha, ele ria do que dizia. Ele constantemente volta atrás, admite suas mentiras. Na campanha, ele disse que resolveria o problema Rússia-Ucrânia em menos de 24 horas. Vemos que estamos muito longe disso. Ou seja, alguém um pouco mais alerta, ou educado, entende muito rapidamente que tudo o que sai da boca dessas pessoas não é de graça. Voltando à questão emocional, acho que ele faz isso muito bem, porque é capaz de despertar a raiva nas pessoas, emoções, com mensagens muito simples, que, em última análise, fazem com que votem nele.